

***EL PATIO DE LOS DUENDES, DE SUSY DELGADO* ó UM GESTO DE LIBERTAÇÃO DA MULHER**

Weslei Roberto Cândido¹

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de apresentar a poesia de Susy Delgado pela ótica dos estudos de literatura feminina. Desta forma, exploraremos como a mulher, por meio da palavra, se liberta dos padrões impostos pelo mundo machista que a cerca e impõe formas de conduta que considera adequada ao corpo feminino. A poesia se torna para esta paraguaia um gesto de busca pela liberdade, em ato de levantar a voz e reclamar o espaço do sonho e do amor amortecidos pelo tempo e pela opressão masculina.

Palavras-chave: Susy Delgado; feminismo; poesia.

***El patio de los duendes, by Susy Delgado* ó a feminine gesture of freedom**

ABSTRACT: This article aims to present the poetry of Susy Delgado by optical studies of women's literature. Thus, we will explore how women, through the word, is freed standards imposed by the macho world that surrounds and forms of conduct that imposes considers appropriate to the female body. Poetry becomes a gesture for this Paraguayan such for freedom in the act of raising his voice and reclaim the space of the dream and love deadened by time and male oppression.

Keywords: Susy Delgado; feminism; poetry.

1 ó SOBRE A MULHER E SEU PAPEL NA LITERATURA E NA SOCIEDADE OCIDENTAL

Susy Delgado é uma poetisa paraguaia que nasceu em San Lorenzo no ano de 1949. Limitar-nos-emos a essa micro nota biográfica, uma vez que acreditamos ser aqui o foco de

¹ Doutor em Letras - Literatura Comparada- pela UNESP - Professor adjunto do Departamento de Letras da UEM - Universidade Estadual de Maringá. wrcandido@uem.br

nosso estudo a poesia produzida por essa mulher latino-americana. Nosso enfoque será o texto literário, desviando-nos das armadilhas biográficas por mais que elas sejam atraentes e, em geral, atraíam a muitos leitores.

Portanto, tentaremos adotar o ponto de vista social da mulher; embora essa tarefa não seja simples. Para analisar as poesias de Susy Delgado pela ótica feminista será necessário um esforço por mostrar como a mulher encontra-se oprimida pela sociedade ao longo dos anos. Mesmo sendo o autor deste texto um homem, de acordo com Zolin (2003), é possível sim adotar uma leitura pela ótica da mulher, explorando suas temáticas de sexualidade, machismo e feminismo na produção literária de uma mulher: “[...] a crítica feminista é, antes de mais nada, uma perspectiva crítica fundada no feminismo, ou seja, em uma postura político-ideológica com a qual o sexo masculino pode perfeitamente compactuar.” (p. 17).

Nesse mundo de dominação masculina há uma violência simbólica que é imposta sobre as mulheres e, por não ser física, torna-se invisível, levando as pessoas a pensarem que as atitudes adotadas em seu cotidiano são naturais. Viola-se cada vez de forma mais suave e, aparentemente pacata, o espaço da mulher, circunscrevendo-a ao espaço doméstico, às tarefas baixas ou consideradas indignas de um homem, reservando a este o local público e condenando a mulher ao espaço do lar, confinando-a no ambiente doméstico quase por vontade própria. Em *A Dominação Masculina* (2002) Bourdieu faz a seguinte afirmação:

Também sempre vi na dominação masculina e na forma como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento. (pp. 3-4)

Desta forma, a mulher se torna vítima desse discurso que impõe violentamente os padrões de conduta, a qual muitas vezes os adota como uma ordem natural da vida e do mundo. O sexo feminino, assim, não se sente subjugado por essa violência exercida suavemente, que estabelece limites, caminhos e até mesmo uma política do corpo em relação

ao outro. Portanto, o corpo passa a sofrer as consequências e a carregar consigo as marcas dessa comunicação simbólica que foram geradas pelo discurso predominantemente machista.

No caso do Paraguai, as mulheres foram ainda mais sujeitadas às atividades desprezadas pelos homens, sendo relegadas a uma situação cruel de indigência após a guerra contra o Brasil. Segundo Emi Kasamatsu:

La mujer se desenvolvía en un plano inferior con respecto al varón, supeditada a las tareas propias de: domésticas y reproductoras, sin ningún acceso a cargos de relevancia política ni económica. En estas condiciones la iniciativa de las mujeres, que fueron protagonistas de la reconstrucción del país, quedó relegada. Paraguay fue el último país en las Américas en otorgar a las mujeres el derecho al voto. Recién se conquistó este derecho en el año 1962. (Portal Guaraní, 2010).

Desse ambiente marcadamente doméstico e da mulher como reprodutora é que emergem vozes na literatura paraguaia, buscando escapar dessa dominação masculina. Constrói-se, assim, um discurso de resistência por meio do fazer literário, expressando insatisfações, medos e preocupações com seus desejos de mulher frente ao mundo extremamente masculinizado e opressor.

Consoante ao exposto, no livro de Susy Delgado, percebemos que o sonho e a fantasia têm papel importantíssimo, pois permitem à mulher fugir da opressão do mundo androcêntrico e viver seus desejos que estavam confinados no ambiente doméstico. Consequentemente, estes sentimentos subjugados por tanto tempo levam a voz lírica a se irritar, num primeiro momento, com os duendes por terem despertado as ãguas anochecidas de [su]mi fiebreö, ou seja, a violência simbólica é tão forte que a mulher adota o ponto de vista machista da submissão a um único òsolö, provavelmente o marido, e fecha-se a outros òsóisö. Mesmo que, para manter a vida conjugal, tenha de fazê-lo por meio de muito sofrimento, como veremos durante a análise dos poemas.

De acordo com Zolin (2003), o surgimento da família patriarcal restringiu a mulher ao ambiente doméstico, tornando-a serva de seu marido, pois como deixara de contribuir na vida social, em termos de produção, esta perdeu seu espaço e seu valor, sendo fácil impor a

dominação masculina sobre o sexo feminino, deixando-o em situação de marginalidade frente à sociedade.

No caso da América Latina, a história se repete. As sociedades em formação no continente herdaram da Europa o modelo patriarcal de organização da família, impondo à mulher o ambiente doméstico, educando-a para casar e ter filhos, delegando a ela o papel de genitora da família. Excluem-se aquelas mulheres que fugiam aos padrões de dominação masculina exercida pela sociedade em vias de construção. Ubiratan Machado, em *A vida literária no Brasil durante o romantismo* (2001), registra como o movimento romântico contribuiu para uma sociabilização do sexo feminino, uma vez que neste período as mulheres passaram a frequentar as ruas, as padarias, caminhar pela Rua do Ouvidor ao lado de seus namorados, esposos ou amigas. No fundo, isso demonstra como a sociedade estava atrasada e prendia suas mulheres ao lar, ao ambiente doméstico, sendo o espaço social local de homens.

Percebe-se, nessas rápidas reflexões, como, ao longo da história, a mulher foi e é oprimida e rechaçada, até mesmo da vida pública como um ser capaz de produzir e defender suas ideias. O sexo feminino tem de lutar para fugir da única imagem de genitora da família para participar como corpo e mente independentes do papel materno. Esta situação propicia o surgimento de uma literatura feminina que pede voz em meio ao cânone literário latino-americano extremamente masculinizado.

Sendo assim, a poesia de Susy Delgado se torna mais interessante ainda como objeto de estudo porque mostra essa mudança de paradigma na literatura latino-americana e, principalmente, paraguaia, na qual predominam os autores masculinos. De acordo com Dirma Pardo de Carugati:

Durante años la literatura paraguaya fue una ocupación netamente masculina. Podría decirse que la inserción de la producción de pluma femenina dentro de las letras paraguayas es un hecho relativamente nuevo y llamativo, consecuencia de un fenómeno social mediante el cual las mujeres en las últimas décadas, asumen una serie de tareas o cumplen roles que hasta entonces habían estado reservado(sic) a los hombres. (*Portal Guaraní*, 1999)

Observa-se pela afirmação de Dirma que as mulheres demoraram a ganhar espaço no ambiente literário do Paraguai. Até nesse ramo a dominação masculina se faz presente, e as

mulheres têm de buscar seu espaço para expressar seus pensamentos. O fato de elas terem assumido espaços públicos antes comandados apenas por homens gera, também, uma literatura que expõe o mundo pela ótica feminina, e essa precisa ser explorada e estudada; mesmo que o rótulo literatura feminista esteja um pouco desgastado, é inegável sua existência e negá-la seria ceder aos apelos de um mundo fortemente androcêntrico.

Além disso, no prólogo do livro *Ñeõ e jovaí Palabra en duo* (2005) Susy Delgado demonstra toda a necessidade que tem de anunciar sua palavra ao mundo, de expor sua poesia aos leitores. A voz feminina exige um público para si. Embora dissimule uma desculpa por invadir este mundo masculinizado com seu tom de ãniã torpeõ, a poetisa desafia o contexto paraguaio de silenciamento da fala das mulheres, impondo suas ideias por meio da representação do feminino em suas obras:

¿Por qué quiero volcar aquí toda mi Palabra en dúo, desde su nacimiento hasta ayer nomás? Porque hay algo dentro de mí que me pide eso. Porque siento que ya es tiempo de dar a ustedes el trabajo completo que un día brotó para ustedes en mi alma y luego en el papel. Si bien siento que esta palabra es palabra torpe, palabra de niña aún, que es largo el camino que le espera todavía, creo bueno extenderla frente a sus ojos y también frente a los míos, para que juntos veamos hacia dónde camina. (DELGADO, 2005, p. 8).

Mesmo ao declarar que sua palavra é de ãniãõ, possuindo um longo caminho a ser trilhado, isso não é suficiente para impedi-la de falar, de expressar-se duplamente, em espanhol e em guarani, atingindo assim dois públicos distintos. Susy Delgado ao expressar sua voz, desafia os leitores a acompanhá-la ao longo de suas poesias e ver até onde podem chegar juntos. De certa forma, a poetisa conta com a cumplicidade de seus leitores nesse caminho.

Ao optar por trabalhar poemas em espanhol e em guarani a poetisa explicita sua origem ameríndia, mas sem deixar de alcançar outros públicos fora do Paraguai, outros falantes de espanhol que se interessem pela cultura paraguaia, seu folclore, suas lendas e seus mitos. O posicionamento político de Susy Delgado em dar voz aos seus pensamentos se revela mais forte quando se propõe a apresentar sua cultura em duas línguas, pois como ela

mesma afirma: õ[...]hay algo dentro de mí que me pide esoõ, ou seja, há uma premência em verbalizar o que está dentro dessa mulher.

2- EL PATIO DE LOS DUENDES, DESEJO E OPRESSÃO DA SEXUALIDADE FEMININA

A partir de agora, a fim de analisar o desejo oprimido da mulher, focaremos num livro específico de Susy Delgado, *El patio de los duendes*, de 1991. Nele há poesias das quais emergem um eu lírico feminino desejoso de novos amores e que se abre ao sonho de novas possibilidades em sua vida. Os õduendesõ se tornam metáfora dessa nova fase da vida de uma mulher que está trancada em casa e já quase conformada à vida doméstica da família que construiu.

No entanto, quando os õduendesõ surgem no pátio, desperta-se o eu lírico aos indícios de uma paixão, colocando-o numa situação de dúvida em viver ou não essa realidade desconhecida, entre a recusa do novo e a curiosidade em experimentá-lo. O primeiro poema do livro é intitulado õHola, pequeño asombroõ e o eu lírico se relacionará com esse õpequeño asombroõ, responsável por trazer-lhe à memória o fato de ainda ser uma mulher; e que embora haja tristezas e desenganos na vida, ela ainda pode sonhar com um novo sol.

Percebe-se em algumas das poesias como õY sin embargoõ, õAnoche soñé contigoõ, õPorque quiero ese océanoõ e õLlueve en mi vieja casaõ a voz feminina que assoma em meio à sociedade androcêntrica que tenta manipular os desejos femininos. A mulher em casa, vivendo para esta, vislumbra um horizonte de possibilidades que se abre e começa a refletir sobre sua posição de *bibelô* encarcerada no ambiente doméstico. Numa sociedade patriarcal como a paraguaio-americana que durante anos sufocou as vozes femininas, é interessante estudar a poesia de uma mulher que ousa falar desde o local que a designaram estar: o lar. No entanto, nota-se que essa habitação já não a satisfaz totalmente.

Embora o poema seja intitulado õHola, pequeño asombroõ, esse sentimento é uma forma de epifania a bater na janela do eu-lírico e o provoca a viver uma outra vida, essa õinesperada brisa, sueñoõ que agora perturba e ao mesmo tempo atrai, enchendo a voz lírica

de dúvida, naquilo que até o momento era uma casa em conformidade com a vida que levava: *¿Quién te envió a visitar mi otoño,/mi quietud, mi silencio?* Há nessa voz uma tranquila aceitação da sua situação feminina: o *otoño* como metáfora da vida que está entrando em declínio, *velhice*, a *quietud* e o *silencio* que demonstram todo o isolamento desse ser em sua casa.

Como afirma Bourdieu em *A Dominação Masculina* (2002), o espaço da mulher sempre foi construído historicamente como sendo o lar, a casa, ou seja, afastado do espaço público onde a mulher não poderia exercer sua feminilidade frente a uma sociedade masculinizada que não vê com bons olhos a participação do sexo feminino. No livro de Susy Delgado, o eu lírico do poema em questão está assim, detrás da janela, no espaço privado que foi delegado ao seu papel de esposa e mãe.

O surgimento dos *duendes*, porém, inaugura uma nova realidade a essa voz feminina que percebe haver vida fora do ambiente privado do lar e que está no *pátio* de sua residência, batendo em sua janela. Mesmo que no início resista a essas vozes de seu jardim: *No te acerques así/ asomándote al surco del latido,/no me invadas así/ no me emborraches.* Há medo nesse relacionamento, como aceitar essa voz que a chama em sua janela, que a invade com sentimentos e ideias, que pulou o muro (*¿cómo pudiste flanquear el muro/y cómo estás tocando a mis ventanas?*) para se aproximar ousadamente dela.

Esse caráter inaugural de que se revestem as sensações desta realidade nascente é duvidoso, pois chegam por meio de *duendes*, seres imaginários, que não fazem parte do cotidiano das pessoas. O eu lírico, porém, dialoga normalmente com esses seres, o que pode ser uma alegoria do desejo feminino só concretizado no ambiente do sonho e da imaginação.

Além disso, o *duende* se aproxima da janela da mulher, desafiando a situação de tristeza de sua casa, dos fantasmas que rodeiam o seu pátio, levando-a a questionar-se como esse ser pode enfrentar tudo isso para chegar à sua janela? São indagações que a voz poética faz ao *duende*, que invadiu sua privacidade e desafiou o muro que a separava do espaço público.

A metáfora do sol é muito forte no poema e surge como uma simbologia do amor, talvez do casamento que o eu lírico tentou construir ao longo de anos, despendendo muito

esforço para preservá-lo: òun sol que voy haciendo/con la sangre y el almaö (DELGADO, 1991, p. 11). Dessa forma, denota que o sacrifício em tentar manter a casa sempre é feminino, não sendo um esforço do homem essa tarefa. Mesmo que o tom não seja de reclamação, fica registrado todo o esforço desse eu lírico a fim de viver para o sol que habita sua casa.

Nesse diálogo entre o eu lírico e o òduendeö, o leitor infere a fala pelas respostas que dá a voz do poema, que parece até mesmo divagar sozinha. Percebemos que a presença desse ser na janela desafia uma situação dada como certa: a de uma mulher conformada em não experimentar outros amores. Ou pelo menos sugere não querer. A pergunta do eu lírico revela mais o incômodo de ver outra realidade do que propriamente a falta de desejo em viver a aventura amorosa: ò¿Pero no viste que he cerrado mis puertas y ventanas/a otros soles o lluvias o vientos?ö(DELGADO, 1991, p. 12). Há aparentemente um desconforto da voz poética frente ao horizonte ofertado pela janela, há uma indisposição em ceder ao convite sexual, não há espaço para sóis, chuvas ou ventos que possam tentar seduzi-la.

Este contato com o duende não a deixará nunca mais ser a mesma. O sonho está inaugurado e, agora, mesmo em meio a dúvidas, ela deseja reencontrar esse ser em sua janela. Ainda que retifique a tristeza de sua casa, as portas fechadas a outros sóis, os fantasmas do pátio, a tristeza recostada em sua casa, essa mulher quer uma nova vida, um novo sonho.

Por isso, na sequência, o segundo poema é um prolongamento desse contato com o duende, um poema curto, mas que descortina a transformação dessa mulher. O òsin embargoö, mostra a mudança de atitude: òY sin embargo,/no te vayas, no dejes de tocar a mis ventanas,/de inaugurar en cada tarde,/el sueñoö.(DELGADO, 1991, p. 13). O pedido para que o duende volte e bata em sua janela, trazendo a possibilidade de repetir o sonho, faz com que o eu lírico desperte e deseje viver esse idílio desconhecido com os recém-chegados habitantes de seu pátio. A mesma janela que se fecha aos apelos sexuais torna-se, agora, o espaço de contato com o novo, com a fronteira a ser transposta, o espaço de libertação dessa mulher que está aprendendo a amar novamente.

A transformação pela qual passa o eu lírico cresce ainda mais no terceiro poema. Num primeiro momento, ele está sonhando com um amor puro, jovial, como o de duas crianças, aqui apenas simbolizando a inocência dos primeiros jogos amorosos. No entanto, essa voz

feminina não se satisfaz somente com os sentimentos puros, deseja mais do que o simples idílio dos olhares. Ao observar o õpequeño asombroö, quer o tocá-lo e se misturar com ele, formando um único ser, realizando o ideal bíblico de que o ato sexual une o homem e a mulher como se fossem apenas um: õSoñé que yo te alcanzaba,/soñé que unía mis pies/a tus pies, y que mi cuerpo,/con el tuyo se enredabaö.(DELGADO, 1991, p. 14).

O fato de essa libertação se dar por meio de sonhos permite à mulher emancipar-se dos paradigmas masculinizados, comentando, ela mesma, o desejo que tem pelo corpo masculino, expondo-se e desfrutando do amor disponível nesse õpequeño asombroö, que tanto desperta sua libido para aventuras sexuais ainda não experimentadas.

O mais interessante desses poemas é o fato de a mulher ter voz e falar do ato sexual, mesmo que romanticamente em alguns momentos, mas deixando sua voz emergir, falar daquilo que se tornou comum entre os homens, assumir seu desejo sexual e sonhar com ele livremente, forjando uma mulher que explicita seus desejos e não tem vergonha deles, antes os expõe de forma poética e sensual.

O falar de sexo já é uma maneira de se libertar, principalmente, numa sociedade como a ocidental em que comentar abertamente questões sexuais é uma espécie de transgressão às leis morais tão prezadas pelas instituições reguladoras dos discursos sobre a família cristã. Este direito de romper as regras, muitas vezes, tornou-se privativa dos homens, como se a sexualidade fosse apenas masculina. A poesia de Susy Delgado, neste sentido, liberta a mulher latino-americana para expor seus desejos, transgredir as regras de convívio da sociedade masculinizada e dar forma à voz da mulher que se faz dona de seu corpo e de sua libido.

Em *História da Sexualidade* ó A vontade de saber ó vemos que o discurso sobre o sexo no mundo ocidental está fadado a três situações: interdição, inexistência e mutismo, havendo uma política clara de vigilância sobre ambientes, situações ou práticas que possam despertar a sexualidade das pessoas:

Se o sexo é reprimido, isto é fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo

ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei, antecipa, por menos que seja, a liberdade futura. (FOUCAULT, 2001, p. 12).

Portanto, Susy Delgado ultrapassa pelo menos dois limites: o do mundo masculinizado, no qual se permitem comentários cheios de malícia sobre o sexo em pequenas rodas de conversa; e transgride deliberadamente o espaço de enunciação das leis reguladoras do comportamento feminino, para discorrer abertamente sobre os desejos sexuais em suas poesias. Os poemas de *El Patio de los Duendes* ultrapassa o espaço do mutismo e da interdição sobre o falar de sexo e o representa a partir do ponto de vista feminino, assumindo que o desejo sexual não é restrito a um gênero e que a mulher pode, deve e sente desejos sexuais, assim como os homens.

É válido citar um fragmento de *La sangre florecida*, outro livro de Susy Delgado, no qual a personagem María*i* encontrou no sexo a libertação da opressão de que era vítima pelo seu fluxo de sangue:

Pero en esa claridad final, enceguecedora y lacerante, del centro mismo del vacío, sin señales anunciadoras, milagro simple, llega ese muchacho de ojos redondos y dulces, atrevimiento puro, irresistible libertad, que la eligen y aman desde el primer relámpago, ese muchacho que empieza a abrazarla sin que ella se dé cuenta, que entra en ella mucho antes de descubrir que había empezado de nuevo a sangrar, que al descubrirlo se abandona a una carcajada limpia de placer, como si hubiera descubierto el secreto, la trampa más hermosa de la vida. Y entonces, por primera vez, la sangre de María*i* se hace miel dulcísima, perfume embriagador que estalla en el aire y se queda hamacando los sentidos hasta mucho después que el muchacho sea sólo un recuerdo viajando en el recuerdo. María*i* se siente entonces ella misma sangre fragante, riendo a carcajadas. (DELGADO, 2002, pp. 23-24).

Voltando a *El patio de los duendes*, ainda temos o feminino um pouco preso aos medos impostos pelo mundo machista e dominador que aos poucos vai sendo vencido pelo eu lírico. As ãanochecidas aguas de mi fiebre*o* (DELGADO, 1991, p. 12) mostram a situação do feminino no contexto androcêntrico que faz com que as mulheres calem suas paixões e seus desejos, por isso a resistência ao novo, ao chamado da paixão a bater em sua janela em forma de sonho ou misticismo com os duendes que passam a habitar o pátio dessa mulher.

Assim, neste livro de Susy Delgado, o desejo sexual da mulher ainda é oprimido pela sociedade, circunscrito ao ambiente conjugal, no qual ela vive para um único sol, o marido, numa vida de pretensa tranquilidade, pois é construído com muito esforço e sangue como o eu lírico mesmo afirma. Esta voz lírica se fecha ao externo, aos outros òsóisö, òchuvassö e òventossö que são metáforas de novas possibilidades, mas que para vivê-las não se pode estar fechada, ela tem de estar aberta às aventuras para libertar o feminino das amarras da sociedade machista que sufoca a mulher, principalmente a casada.

A ternura, a paixão para a mulher sempre é clandestina, está sujeita ao ilegal, àquilo que não pode ser feito publicamente, mas longe, muitas vezes vivida internamente, apenas no âmbito do eu, do subjetivo que permite o sonho e a fantasia, no pátio onde habitam os duendes que inauguram um contexto de fantasia libertadora do mundo logicamente imposto da sociedade: òTernura clandestina,/amordazada ./que crece y que palpita y se debate/en el desierto de las horas,/que se muere de frío y renace,/que desmaya de fiebre y despierta,/que solloza bajito y otra vez se agiganta,/cada vez más arriba,/cada vez más adentroö. (DELGADO, 1991, p. 16).

A òternuraö apresenta-se como clandestina, amordaçada, que não tem voz e fica sem expressão, sendo possível apenas mostrar-se na intimidade, na solidão da casa, longe das pessoas. Estes sentimentos amorosos a que está exposta a mulher surgem nos momentos de maior isolamento, durante o terror noturno da solidão na cama fria. Uma paixão que, por ser clandestina, tem de ficar trancafiada no quarto, oculta entre o pátio e o pulo do muro que o duende arrisca para chegar ao ser amado, no caso aqui presente, a voz poética que expressa seus sentimentos nos poemas.

A sensualidade vai crescendo, as mãos apertam o ser amado e ao mesmo tempo liberam o eu lírico feminino em busca incessante dos braços dessa ternura que afirma ser: òtan mía y tan inalcanzable, pobrecita ternuraö (DELGADO, 1991, p. 16).

A privação do ambiente social para que possa se expressar faz o eu lírico mergulhar no ambiente do sonho; o òpequeño asombroö do início da série de poemas dedicada a esse assunto chama metaforicamente a mulher para ir ao jardim, passear com ele, caminhar entre a natureza do pátio de sua casa, vivendo o amor ilegal com a ternura clandestina.

Na verdade, o que percebemos é uma mulher carente de amor, vivendo no ambiente familiar, fechada a outros ósóisö, mas que é despertada pelos duendes do pátio de sua casa para viver outras aventuras amorosas, desafiando a tristeza escorada em sua casa há anos, desfazendo os fantasmas que habitam as preocupações dessa voz suplicante por ternura.

Estas aventuras pelo pátio, mesmo que restritas, abrem espaço para o desejo pelo novo, pelo arbitrário, pelas sensações que ainda podem ser vividas, porém, estiveram sufocadas durante anos, sendo agora liberadas pelo contato com os õduendesö, que ajudam o eu lírico a sonhar dentro do espaço fechado de sua casa. Percebe-se ainda a figura feminina oprimida, temerosa de se aventurar, convertendo a fantasia em espaço da realização até mesmo do ato amoroso.

Fantasia e realidade se misturam entre o pátio e a casa na qual habita o eu lírico, de forma a deixar o leitor em dúvida sobre os versos que lê, sem saber se a voz poética delira em sua solidão doméstica, sonha ou fantasia o encontro com o õpequeño asombroö, ou aceita que ele existe mesmo, está presente à janela da mulher, desafiando-a a sair da rotina de anos, em que viveu para um único õsolö em sua casa.

Aquilo que era resistência ao princípio da série de poemas, agora se metamorfoseia em forte paixão, o que sugere a volta dos duendes à janela do eu lírico, assim como este pedira, levando-o à paixão sem limites. Dessa forma, o amor se torna o elemento iluminador da vida dessa mulher, mostrando ser possível viver outros amores e não ficar presa ao passado, que nesse caso implica estar encarcerada em casa, sem acesso ao mundo social, privada do contato com outras pessoas.

3 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto, tentamos demonstrar como a mulher sofre opressões no mundo masculinizado e como essas são representadas na literatura produzida por mulheres, aqui no caso, nos poemas da poetisa paraguaia Susy Delgado, que escreve desde um país bilíngue e herdeiro de um forte machismo, muitas vezes inexplicável, haja vista, após a Guerra do Paraguai, o país ter sido praticamente sustentado pelos braços femininos e fortalecidos por

eles, reconstruindo a nação que se encontrava em ruínas. Mesmo assim, a força do discurso androcêntrico foi mais forte e as mulheres também passaram por humilhações e repressões comuns a todos os países da sociedade moderna.

Deste contexto emergem vozes como a de Susy Delgado que desafia esse ambiente predominantemente machista e escreve suas poesias, revelando como as mulheres também têm direito de expressar sua sexualidade e seus desejos, mesmo que para isso tenham de se libertar por meio de um ambiente de fantasia e sonhos como se dá em *El patio de los duendes*.

Dessa margem a voz poética presente no livro de Susy Delgado liberta-se da prisão do ambiente doméstico e se permite ceder aos apelos do õpequeño asombroõ que insiste em bater à sua janela. A partir desse momento, o eu lírico sonha com esse amor e em vivê-lo livremente em õavistar el valle/donde nace tu alientoõ. (DELGADO, 1991, p. 17). Enfim, a poesia é uma forma de libertar-se desse contexto de repressão para alcançar a liberdade e ver o mundo do alto da montanha e não aos pés dos homens como tenta impor suavemente, quase de forma imperceptível, o discurso androcêntrico propagado pela sociedade ocidental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CARUGATI, Dirma Pardo. *Historia de la Literatura paraguaya*. Asunción: El Lector, 1999, http://www.portalguarani.com/obras_autores_detalle.php?id_obras=14349. Acessado em 14/08/2012 às 18h34min.

DELGADO, Susy. *El patio de los duendes*. Asunción: Ediciones Arandurã, 1991.

_____. *La sangre florecida*. Asunción: Ediciones Arandurã, 2002.

_____. *Ñe'ejováí/Palabra en dúo*. Asunción: Ediciones Arandurã, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade ó a vontade de saber*. 14ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

KASAMATSU, Emi. õLa literatura femenina del Paraguayõ. In *Revista del Pen Club del Paraguay*. ó IV Época, número 19, noviembre de 2010. Disponível em:

http://www.portalguarani.com/obras_autores_detalhes.php?id_obras=13841. Acessado em 15/08/2012.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

ZOLIN, Lucia Osana. *Desconstruindo a opressão. A imagem feminina em A República dos Sonhos*, de Nélida Piñon. Maringá: EdUEM, 2003.

Recebido em 16 de fevereiro de 2013.

Aceito em 5 de maio de 2013.